

LIÇÃO 12

A Explicação das Potências que São Chamadas Tais Equivocamente e a Determinação, Através da Noção do Impossível, do Possível que Se Segue ao Necessário

23a 6 Mas algumas são chamadas potencialidades equivocadamente, pois "possível" tem mais de um significado. Por um lado, é aquilo que é verdadeiro de uma coisa porque está em ato, como caminhar é possível a alguém porque está atualmente caminhando, e, em geral, possível é dito daquilo que é possível ser porque já está atualizado. Por outro lado, possível é dito daquilo que pode ser atualizado, como caminhar é possível a alguém porque poderia caminhar.

23a 11 Esta última potencialidade está apenas naquilo que é móvel, mas a primeira está também no imóvel. Ora, é verdadeiro dizer, tanto daquilo que já está caminhando e é atual, quanto daquilo que poderia caminhar, que não é impossível que caminhe ou seja.

23a 15 Assim, não é verdadeiro dizer este último possível [isto é, o possível que poderia ser] do que é necessário simplesmente, mas é verdadeiro dizer o primeiro dele. Portanto, uma vez que o universal se segue à parte, possível ser segue-se àquilo que necessariamente é, embora não todo tipo de possível o faça.

23a 18 De fato, o necessário e o não necessário podem bem ser o princípio de tudo o que é ou não é, e os outros devem ser considerados como consequentes a estes.

23a 21 É evidente, então, pelo que foi dito, que aquilo que necessariamente é está atualmente; e, se as coisas eternas são anteriores, que a atualidade é anterior à potencialidade.

23a 23 Algumas coisas são atualidades sem potencialidade, a saber, as substâncias primeiras. Outras são atualidades com potencialidade — aquelas que são anteriores por natureza, mas posteriores no tempo. E algumas nunca são atualidades, mas são apenas potencialidades.

1. Aristóteles propõe-se agora mostrar de que modo as potências que são chamadas equívocas se relacionam com os opostos. Ele primeiro explica a natureza deste tipo de potência, e depois dá a diferença e a concordância entre estas e as supracitadas, onde diz: *Esta última potencialidade está apenas naquilo que é móvel, mas a primeira está também no imóvel*, etc.

Nos livros V e IX da *Metafísica* [V, 12: 1019a 15; IX, 1: 1046a 4], Aristóteles divide a potência naquelas que são chamadas potências pela mesma razão, e naquelas que têm o nome de potência por uma razão diferente das potências supracitadas. Estas últimas são nomeadas "potências" equivocadamente. Sob o primeiro membro, estão incluídas todas as potências ativas e passivas, racionais e irracionais, pois tudo o que é dito ser possível através da potência ativa ou passiva que

possuem são potências pela mesma razão, isto é, porque há nelas a força originativa de algo ativo ou passivo.

As potências matemáticas e lógicas estão incluídas sob o segundo membro desta divisão. Aquilo pelo qual uma linha pode levar a um quadrado chamamos de potência matemática, pois uma linha constitui um quadrado quando prolongada de volta a si mesma. Aquilo pelo qual dois termos podem ser unidos em uma enunciação sem contradição é uma potência lógica. A potência lógica também compreende aquilo que é chamado "potência" porque é. Estas últimas [potências matemáticas e lógicas] são nomeadas a partir das primeiras equivocadamente, porque não predicam nenhuma capacidade ativa ou passiva; e o que é dito ser possível destes modos não é chamado possível em virtude de ter a capacidade de fazer ou sofrer, como no primeiro caso. Onde, uma vez que as potências relacionadas aos opostos são ativas ou passivas, as que são chamadas potencialidades equivocadamente não estão relacionadas aos opostos.

Estas, então, são as potências de que ele fala quando diz: *Mas algumas são chamadas potencialidades equivocadamente*, e, portanto, não estão relacionadas aos opostos.

2. Para esclarecer o tipo de potência que é chamada equívoca, ele dá a divisão usual do possível através da qual isto é conhecido. "Possível", ele diz, não é dito de um só modo, mas de dois. Algo é dito ser possível porque é verdadeiro como em ato, isto é, enquanto atualmente é; por exemplo, é possível caminhar quando já se está caminhando, e *em geral*, isto é, universalmente, é dito ser possível aquilo que é possível ser porque já está em ato. Algo é dito ser possível do segundo modo, não porque atualmente é, mas porque está prestes a agir, isto é, porque pode agir; por exemplo, é possível para alguém caminhar porque está prestes a caminhar.

Note-se aqui que, por esta divisão bímembre do possível, ele torna evidente *a posteriori* a divisão da potência postulada acima, pois o possível é nomeado a partir da potência. Sob o primeiro membro do possível, ele significa as potências equívocas; sob o segundo, as potências unívocas, isto é, as potências ativas e passivas. Ele quer mostrar, então, que, uma vez que o possível é dito de dois modos, a potencialidade também é dupla. Ele explica as potencialidades equívocas em termos de apenas um membro, a saber, aquelas que são chamadas possíveis porque são, uma vez que isto era suficiente para o seu propósito.

3. Quando ele diz: *Esta última potencialidade está apenas naquilo que é móvel, mas a primeira está também no imóvel*, etc., ele especifica a diferença entre cada potência. Esta última potência, ele diz, [possível porque pode ser] que é chamada potência física, está apenas nas coisas que são móveis; mas a primeira está nas coisas móveis e imóveis. O possível que é nomeado a partir da potência que pode agir, mas ainda não está agindo, não pode ser encontrado sem a mutabilidade daquilo que é dito ser possível deste modo. Pois, se aquilo que pode agir agora e não está agindo devesse agir, é necessário que seja mudado do repouso para a operação. Por outro lado, aquilo que é chamado possível porque é não requer nenhuma mutabilidade naquilo que é dito ser possível deste modo, pois estar em ato, que é a base de tal possibilidade, encontra-se nas coisas necessárias, nas coisas imutáveis e nas coisas móveis. Portanto, o possível que é chamado lógico é mais comum do que aquele que costumamos chamar físico.

4. Depois, ele mostra que há uma correspondência entre estes possíveis quando acrescenta que *não impossível ser* é verdadeiro de ambas estas potencialidades e possíveis; por exemplo, caminhar não é impossível para aquilo que já está caminhando em ato, isto é, agindo, e não é impossível para aquilo que poderia agora caminhar; isto é, eles concordam em que o não impossível é verificado de ambos — seja do que é dito ser possível pelo fato de que está em ato, seja do que é dito ser possível pelo fato de que poderia ser. Consequentemente, o necessário é verificado como possível, pois o possível segue-se ao não impossível.

O possível que já está em ato é o segundo gênero do possível no qual não se encontra acesso a ambos os opostos, do qual Aristóteles falou quando disse: *Antes de tudo, isto não é verdadeiro das potencialidades que não são segundo a razão*, etc. Pois aquilo que é dito ser possível porque já está em ato já está determinado, uma vez que é suposto como estando em ato. Portanto, nem todo possível é o possível de alternativas, quer falemos do possível físico, quer do lógico.

5. Quando ele diz: *Assim, não é verdadeiro dizer este último possível do que é necessário simplesmente*, etc., ele aplica a verdade que determinou ao que foi proposto. Primeiro, a título de conclusão do que foi dito, ele mostra a relação de cada possível com o necessário. *Assim*, ele diz, *não é verdadeiro dizer e predicar este possível*, a saber, o físico, que está apenas nas coisas móveis, *do necessário simplesmente*, porque o que é necessário simplesmente não pode ser de outro modo. O possível físico, contudo, pode ser assim e de outro modo, como foi dito.

Ele acrescenta "simplesmente" porque o necessário é múltiplo. Há o necessário para o bem-estar e há também o necessário por suposição, mas não é nosso ofício tratar destes, apenas indicá-los. A fim, então, de evitar os modos do necessário que não têm a noção do necessário perfeitamente e de todo modo, ele acrescenta "simplesmente". Ora, o possível físico não é verificado deste tipo de necessário [isto é, do necessário simplesmente], mas é verdadeiro enunciar o possível lógico, aquele que se encontra nas coisas imóveis, do necessário, uma vez que não retira nada da necessidade.

O argumento introduzido para a parte negativa desta questão é destruído por isto. O erro naquele argumento era a inferência — por via de conversão na qualidade oposta — do possível para ambas as alternativas a partir do necessário.

6. Depois, ele responde à questão formalmente. Ele afirma que a parte afirmativa da questão deve ser sustentada, a saber, que o possível se segue ao necessário. Em seguida, ele atribui a causa. O todo universal segue-se construtivamente à sua parte subjetiva; mas o necessário é uma parte subjetiva do possível, porque o possível é dividido em lógico e físico, e sob o lógico está compreendido o necessário; portanto, o possível se segue ao necessário. Onde, ele diz: *Portanto, uma vez que o universal se segue à parte*, isto é, uma vez que o todo universal se segue à sua parte subjetiva, *ser possível ser*, isto é, o possível, como o todo universal, *segue-se àquilo que necessariamente é*, isto é, ao necessário, como uma parte subjetiva. Ele acrescenta: *embora não todo tipo de possível o faça*, isto é, nem toda espécie do possível se segue; assim como animal se segue a homem, mas não de todo modo, isto é, não se segue a homem segundo todas as suas partes subjetivas, pois não é válido dizer: "Ele é um homem, portanto, é um animal irracional".

Por esta prova da validade da parte afirmativa, Aristóteles destruiu explicitamente o raciocínio aduzido para a parte negativa, o qual, como é evidente, errou segundo a falácia do consequente, ao inferir o possível do necessário, descendo a uma espécie do possível.

7. Quando ele diz: *De fato, o necessário e o não necessário podem bem ser o princípio de tudo o que é ou não é*, etc., ele dispõe as mesmas consequências dos modais em outro arranjo, colocando o necessário antes de todos os outros modos. Primeiro, ele propõe a ordem dos modais e depois atribui a causa da ordem, onde diz: *É evidente, então, pelo que foi dito, que aquilo que necessariamente é está atualmente*, etc.

De fato, ele diz, *o necessário e o não necessário podem bem ser o princípio do "ser" ou "não ser" de todas as enunciações modais*, isto é, o necessário e o não necessário são o princípio das afirmativas ou negativas. *E os outros*, isto é, o possível, o contingente e o impossível ser, *devem ser considerados como consequentes a estes*, isto é, ao necessário e ao não necessário.

OS CONSEQUENTES DAS ENUNCIÇÕES MODAIS SEGUNDO AS QUATRO ORDENS, POSTULADAS E DISPOSTAS POR ARISTÓTELES EM OUTRO ARRANJO APROPRIADO

PRIMEIRA ORDEM É necessário ser Não é possível não ser Não é contingente não ser É impossível não ser

SEGUNDA ORDEM É necessário não ser Não é possível ser Não é contingente ser É impossível ser

TERCEIRA ORDEM Não é necessário ser É possível não ser É contingente não ser Não é impossível não ser

QUARTA ORDEM Não é necessário não ser É possível ser É contingente ser Não é impossível ser

Nada é mudado aqui, exceto as enunciações que predicam necessidade. A elas foi atribuído o primeiro lugar, enquanto na tabela anterior foram colocadas em último.

Quando ele diz "podem bem ser", não é porque esteja em alguma dúvida, mas porque está propondo isto aqui sem uma prova determinada.

8. Quando ele diz: *É evidente, então, pelo que foi dito, que aquilo que necessariamente é está atualmente*, etc., ele dá a causa desta ordem. Primeiro, ele dá a razão para colocar o necessário antes do possível: o sempiterno é anterior ao temporal; mas "necessário" significa sempiterno (porque significa "ser em ato", excluindo toda mutabilidade e, consequentemente, a temporalidade, que não é imaginável sem movimento), e o possível significa temporalidade (uma vez que não exclui a possibilidade de ser e não ser); portanto, o necessário é corretamente colocado antes do possível.

Ele propõe a menor deste argumento quando diz: *É evidente, então, pelo que foi dito* ao tratar do necessário, *que aquilo que necessariamente é está totalmente em ato*, uma vez que exclui toda mutabilidade e potência para o oposto — pois, se pudesse ser mudado no oposto de algum modo, então não seria necessário. Em seguida, ele dá a maior, que está no modo de um condicional antecedente: *e, se as coisas eternas são anteriores às temporais*, etc. Finalmente, ele postula a

conclusão: aquelas que estão totalmente em ato de todo modo, a saber, as necessárias, são anteriores às potenciais, isto é, aos possíveis, que não têm o ser em ato totalmente, embora sejam compatíveis com ele.

9. Então, ele diz: *Algumas coisas são atualidades sem potencialidade, a saber, as substâncias primeiras*, etc. Aqui, ele atribui a causa de toda a ordem estabelecida entre os modais. Os graus do universo são tríplices. Algumas coisas estão em ato sem potencialidade, isto é, não combinadas com a potência. Estas são as substâncias primeiras — não aquelas que chamamos "primeiras" na presente obra porque sustentam principal e especialmente — mas aquelas que são primeiras porque são as causas de todas as coisas, a saber, as Inteligências. Em outras, o ato é acompanhado de possibilidade, como é o caso de todas as coisas móveis, as quais, segundo o que têm de ato, são anteriores por natureza a si mesmas segundo o que têm de potência, embora o contrário seja o caso com respeito à ordem do tempo. Segundo o que têm de potência, são anteriores no tempo a si mesmas segundo o que têm de ato. Por exemplo, segundo o tempo, Sócrates primeiro foi capaz de ser filósofo, depois foi atualmente filósofo. Em Sócrates, portanto, a potência precede o ato segundo a ordem do tempo. O inverso é o caso, contudo, na ordem da natureza, perfeição e dignidade, pois, quando era atualmente filósofo, Sócrates era considerado anterior segundo a dignidade, isto é, mais digno e mais perfeito do que quando era potencialmente filósofo. Onde, quando consideramos cada ordem, isto é, natureza e tempo, em uma e mesma coisa, a ordem da potência e do ato é inversa.

Outras nunca estão em ato, mas estão apenas em potência, por exemplo, o movimento, o tempo, a divisão infinita da magnitude e o aumento infinito do número. Estas, como se diz no livro IX da *Metafísica* [6: 1048b 9-17], nunca terminam em ato, pois é repugnante à sua natureza. Nenhuma delas é jamais tal que algo dela não seja esperado e, conseqüentemente, só podem estar em potência. Estas, contudo, devem ser tratadas em outro lugar.

10. Isto foi dito para que, uma vez vista a ordem do universo, apareça que a estávamos imitando em nossa presente ordenação. O necessário, que significa "ser em ato" sem potencialidade ou mutabilidade, foi colocado primeiro, em imitação do primeiro grau do universo. Colocamos o possível e o contingente, ambos os quais significam ato com possibilidade, em segundo lugar, em conformidade com o segundo grau do universo. O possível foi colocado antes do contingente porque o possível se relaciona ao ato, enquanto o contingente, como a força do nome sugere, se relaciona ao defeito de uma causa — o que pertence à potência, pois o defeito segue-se à potência. A ordem destes é semelhante à ordem na segunda parte do universo, onde o ato é anterior à potência segundo a natureza, embora não segundo o tempo.

Reservamos o último lugar para o impossível, porque significa o que nunca será, assim como se diz que a última parte do universo é aquilo que nunca está em ato. Assim, uma ordem belamente proporcionada é estabelecida quando o divino é observado.

11. Uma vez que os conseqüentes dos modais, isto é, aqueles colocados uns sob os outros, são seus equivalentes em significado, e estes são produzidos pela posição variável da negação, mudando a qualidade ou a quantidade ou ambas, algumas coisas devem ser ditas sobre sua qualidade e quantidade para completar nosso conhecimento deles.

A natureza do todo surge das partes e, portanto, devemos notar as seguintes coisas sobre as partes da enunciação modal. O sujeito da enunciação modal afirma ser ou não ser, e é um *dictum* singular, e contém em si o sujeito do *dictum*. O predicado de uma enunciação modal, a saber, o modo, é o predicado total (uma vez que contém explícita ou implicitamente o verbo, que é sempre um sinal de algo predicado de outro, razão pela qual Aristóteles diz que o modo é um acréscimo determinante) e contém em si força distributiva segundo as partes do tempo. O necessário e o impossível distribuem em todo o tempo, seja simplesmente, seja de um modo limitado; o possível e o contingente distribuem segundo algum tempo comumente.

12. Como consequência destas cinco condições, há uma dupla qualidade e uma tríplice quantidade em qualquer modal. A dupla qualidade resulta do fato de que tanto o sujeito quanto o predicado de um modal têm um verbo neles. Uma destas é chamada a qualidade do *dictum*, a outra, a qualidade do modo. É por isso que foi dito acima que há uma enunciação que é afirmativa do modo e não do *dictum*, e inversamente.

Da tríplice quantidade de uma enunciação modal, uma surge do fato de que o sujeito do modal contém em si o sujeito do *dictum*. Esta é chamada a quantidade do sujeito do *dictum*, e distingue-se em universal, particular e singular, como no caso da quantidade de uma enunciação absoluta. Pois podemos dizer: "Que 'Sócrates', 'algum homem', 'todo homem' ou 'nenhum homem' corra é possível".

A segunda quantidade é a do *dictum*, que surge do fato de que o sujeito de um modal é um *dictum*. Esta é uma singularidade única, pois todo *dictum* de um modal é o singular daquele universal, isto é, *dictum*. "Que o homem seja branco é possível" significa "Este *dictum*, 'que o homem seja branco', é possível". "Este *dictum*" é singular em quantidade, assim como "este homem" o é. Donde, todo modal é singular com respeito ao *dictum*, embora, com respeito ao sujeito do *dictum*, seja universal ou particular.

A terceira quantidade é a do modo, ou quantidade modal, que surge do fato de que o predicado do modal, isto é, o modo, tem força distributiva. Esta distingue-se em universal e particular.

13. Ora, há duas coisas sobre as enunciações modais que devem ser cuidadosamente notadas. A primeira — que é peculiar aos modais — é que o predicado quantifica a proposição modal simplesmente, assim como também a qualifica simplesmente. Pois, assim como a enunciação modal na qual o modo é afirmado é afirmativa simplesmente, e negativa quando o modo é negado, assim a enunciação modal na qual o modo é universal é universal simplesmente, e particular na qual o modo é particular. A razão disto é que o modal segue a natureza do modo.

A segunda coisa a ser notada (que é a causa da primeira) é que o predicado de um modal, isto é, o modo, não só tem a relação de um predicado com seu sujeito (isto é, com "ser" e "não ser"), mas também tem a relação, com o sujeito, de um termo sincategoremático distributivo, que tem o efeito de distribuir o sujeito, não segundo a quantidade de suas partes subjetivas, mas segundo a quantidade das partes de seu tempo. E com razão, pois, assim como a quantidade própria do sujeito de uma enunciação absoluta varia segundo a divisão ou falta de divisão de seu sujeito (uma vez que o sujeito é um nome, que significa ao modo da substância, cuja quantidade provém da divisão do contínuo, e, portanto, o sinal quantificador distribui segundo as partes subjetivas),

assim, porque a quantidade própria do sujeito de uma enunciação modal é o tempo (uma vez que o sujeito é um verbo, que significa ao modo do movimento, cuja quantidade própria é o tempo), o modo quantificador distribui o sujeito, isto é, "ser" ou "não ser", segundo as partes do tempo. Donde, chegamos ao ponto sutil de que a quantidade do modal é a quantidade do sujeito próprio da enunciação modal, a saber, de "ser" ou "não ser". Portanto, uma enunciação modal é universal simplesmente quando o sujeito próprio é distribuído por todo o tempo, seja simplesmente, como em "Que o homem é um animal é necessário ou impossível", seja tomado de um modo limitado, como em "Que o homem está correndo hoje", ou "enquanto está correndo, é necessário ou impossível".

Uma enunciação modal é particular na qual "ser" ou "não ser" é distribuído, não por todo o tempo, mas comumente por algum tempo, como em "Que o homem é um animal é possível ou contingente".

Esta quantidade modal é, portanto, também uma propriedade de seu sujeito (na medida em que, universalmente, a quantidade provém da matéria), mas é derivada do modo, não enquanto é um predicado (porque, como tal, é entendido formalmente), mas enquanto desempenha uma função sincategoremática, que tem em virtude do fato de que é propriamente um modo.

14. Portanto, com respeito à sua quantidade própria, alguns modais são afirmativos universais, isto é, os do necessário, porque distribuem "ser" a todo o tempo. Outros são negativos universais, isto é, os do impossível, porque distribuem "ser" a nenhum tempo. Outros ainda são afirmativos particulares, isto é, os que significam o possível e o contingente, pois ambos distribuem "ser" a algum tempo. Finalmente, há os negativos particulares, isto é, os do não necessário e não impossível, pois distribuem "não ser" a algum tempo. Isto é semelhante à diversidade nas enunciações absolutas a partir do uso de "todo", "nenhum", "algum", "não todo" e "não nenhum".

Ora, uma vez que esta quantidade pertence aos modais enquanto são modais, como foi dito, e uma vez que Aristóteles agora os está considerando sob este respeito particular, as enunciações modais que são equivalentes, isto é, seus consequentes, são ordenadas pela diferente localização da negação, como é o caso das enunciações absolutas que são equivalentes. Uma negativa colocada antes do modo torna uma enunciação equivalente à sua contraditória; colocada depois do modo, isto é, com o verbo do *dictum*, torna-a equivalente à sua contrária; colocada antes e depois do modo, torna-a equivalente à sua subalterna, como podes ver na última tabela de consequentes dada por Aristóteles. Naquela tabela de oposições, vês todos os consequentes mútuos segundo uma das três regras para tornar as enunciações equivalentes. Consequentemente, toda a primeira ordem de enunciações equivalentes é contrária à segunda, contraditória à terceira, e a quarta é-lhe subalternada.

Necessário ser — contrárias — Impossível ser

|

|

subalternas

subalternas

|

|

Possível ser — subcontrárias — Contingente não ser

TABELA DE OPOSIÇÃO DOS MODAIS EQUIPOLENTES

I Afirmativas Universais É necessário ser Não é possível não ser Não é contingente não ser É impossível não ser

contrárias

II Negativas Universais É necessário não ser Não é possível ser Não é contingente ser É impossível ser

subalternas

IV Afirmativas Particulares Não é necessário não ser É possível ser É contingente ser Não é impossível ser

subcontrárias

III Negativas Particulares Não é necessário ser É possível não ser É contingente não ser Não é impossível não ser

Revision #1

Created 20 September 2026 00:17:41 by Admin

Updated 20 September 2026 00:18:11 by Admin